

O design do espaço construído hospitalar e o design social

Actas de Diseño (2016, Julio),
Vol. 21, pp. 156-159. ISSN 1850-2032
Fecha de recepción: mayo 2014
Fecha de aceptación: agosto 2014
Versión final: diciembre 2015

Claudia Francia do Amaral (*)

Resumen: Este artículo presenta una reflexión de la importancia de los espacios construidos como objeto de innovación social, teniendo como plano de fondo la sociedad post-moderna. Sosteniendo la idea de diseño social será abordada la enseñanza del diseño y lo que podrá ser revisado para alcanzar nuevos niveles de sustentabilidad. Para mejor explicación de la interacción entre el diseño del espacio construido, su materialidad y el agente social, el ambiente hospitalario será usado como ejemplo. El concepto de diseño ciudadano será introducido como posibilidad de un camino para el futuro.

Palabras clave: Espacio construido - Diseño social - Innovación - Sustentabilidad - Enseñanza.

[Resúmenes en inglés y portugués y currículum en ps. 158-159]

Introdução

“A Lei do forte

Essa é a nossa lei

E a alegria do mundo”

Viva! Viva!

Viva A Sociedade Alternativa

(Viva! Viva! Viva!)...

Raul Seixas (Cantor Brasileiro)

O que será analisado aqui é o design social e como ele está sendo ensinado nas universidades. Para melhor entendimento de design social usaremos o ambiente hospitalar. A visão exposta é na sua maioria das vezes de ambientes de hospitais particulares. Para inseri-lo no contexto atual vamos *a priori* entender como se apresenta o espaço contemporâneo e as relações existentes entre agente social e o que se apresenta como inovação social. “Advertising design, in persuading people to buy things they don’t need, with money they don’t have, in order to impress others who don’t care, is probably the phoniest field in existence today”. Papanek (2011) nesta citação introduz o seu conceito de como o design está posicionado na sociedade contemporânea. Na visão do Papanek o designer está cada vez mais projetando objetos com utilidade duvidosa. A demanda da indústria é a produção de objetos com apelo comercial, com a produção mais voltada para a diferenciação, ou seja, produzir mais do mesmo. Com este panorama a profissão de designer está em foco. Porém, a discussão é como o designer está respondendo a esta realidade profissional? Existem novos parâmetros a serem seguidos? Algumas correntes dentro do campo do design alertam da necessidade de novos caminhos. Estas novas soluções seguiriam os preceitos da sustentabilidade, sendo um dos pontos o design social. Victor Papanek realmente está preocupado é com a dimensão social que o design pode ter. Para ele esta demanda sobre o design gera um poder que deveria vir com responsabilidade social e moral. Para que ocorra a transformação crítica do papel do design na contemporaneidade será necessária à discussão do tema nas salas de aula. O desafio será a dualidade entre a prática da profissão e a academia. Atualmente o design visa suprir as demandas

da indústria. Porém, este tipo de design está cada vez mais fora da visão que prioriza o ser humano.

Para o autor, design deve atuar com inovação, interdisciplinaridade, criatividade e responsabilidade para as reais necessidades do ser humano. A profissão de designer pode ser transformada em algo que contribua para sociedade e não transformando os objetos projetados em objetos de “mais valia”. John Thackara (2008) afirma que o design deve ser transformado de “design para pessoas ao design com pessoas”, ou seja, o ser humano deve ser priorizado e não o produto como algo que terá valor comercial. A venda pode ser pensada apenas como mais um item que o produto deve alcançar e não o único objetivo. O design social será entendido como algo que faz parte do problema e como ele pode transformar-se em um caminho viável para um mundo melhor. Porém, é visto neste artigo a necessidade de uma revisão no meio acadêmico sobre o que é design social e como ele está sendo abordado pelos docentes. Logo, a relação *práxis* e teoria serão vista como uma das possibilidades de mudança do “status quo”.

Design social e ensino

O que significa design social, ele realmente existe? O termo design atualmente é usado para definir várias práticas, porém o termo design social pode ser usado de algumas maneiras dependendo do contexto filosófico, acadêmico ou comercial. Fuller (2008, p. 7) em seu livro *Grunch of Giants* cita: “You have to decide at the outset whether you are trying to make money or to make sense, as they are mutually exclusive”. Para ele o design social e design comercial são opostos, ou no mínimo coisas diferentes. Difere do pensamento de Victor Papanek e de alguns outros autores que pensam que o design social deve fazer parte da prática do design, ou seja, o design não é entendido como uma coisa a parte e sim parte do processo. Porém a realidade difere um pouco da teoria, o que temos na maioria dos países é o capitalismo como sistema. Ele pode ser perverso para o dito design social, pois o que temos nos dias de hoje é o designer como produtor de objetos com sua obsolescência planejada, efêmeros, caros

e divertidos. Enfim, design com objetivos comerciais e na teoria o design social está voltado para as “reais” necessidades do ser humano. O desafio neste panorama é planejar objetos com o apelo social e comercial juntos. O design social visto como “modelo social” por Victor Margolin (2002) não está em oposição com o “modelo de mercado”, porém o modelo de mercado tem vários estudos e pesquisas que o ajudam a se desenvolver e se transformar para melhor adaptação as demandas da indústria. O que não vem acontecendo com as práticas sociais, poucos estudos ou soluções aparece, mas não conseguem fazer diferença no panorama atual. Uma das soluções apontadas por Margolim é a inclusão das questões das necessidades sociais em sala de aula. Assim preparando novos designers a pensar o projeto visando também o modelo social. Com a inclusão do tema social no meio acadêmico, pode-se criar uma visão mais crítica às práticas projetuais e elaborar novas saídas para a inclusão do modelo social no mercado. Inclusive procurando soluções para as demandas sociais que não podem ser absorvidas pelo sistema comercial, pois existe uma camada da população que não pode ser considerada consumidores em potencial. São as pessoas com renda familiar baixa ou com deficiências, podendo ser elas de saúde, física ou idade.

Para facilitar o processo de transformação do ensino as disciplinas apresentadas devem ser interdisciplinares, pois assim os alunos podem ter uma visão não só estética do produto, mas uma visão a partir do usuário. O que leva na prática do trabalho a inclusão de outros profissionais como consultores ou parceiros tendo como objetivo um produto final voltado para as necessidades de quem vai usar o produto.

Alain Findeli (2001) em seu artigo *Rethinking Design Education for the 21st Century: Theoretical, Methodological and Ethical Discussion* afirma que os paradigmas atuais são baseados no materialismo; seus métodos positivistas de inquérito; seu agnosticismo e a visão de mundo dualista. Isto posto, entende-se que o design e os centros acadêmicos estão inseridos neste quadro. Walter Gropius havia planejado para a escola da Bauhaus que no seu manifesto de fundação em 1919 ele tinha a seguinte redação: “Instrução na Bauhaus inclui tudo prático e científico áreas de trabalho criativo [...] Os alunos são treinados em um artesanato, bem como no desenho e pintura, da ciência e a teoria”. Para Findeli (2001) a visão dualista começa em duas escolas a Bauhaus e a Escola de Ulm, onde surgiu o conceito de “arte aplicada” e “ciência aplicada” ligada ao conceito tradicional das artes decorativas, no qual o termo aplicada se refere ao caráter utilitário dos objetos.

Em 1958, Tomás Maldonado declarou que “essas idéias tinham agora que serem refutadas com a maior veemência, bem como com maior objetividade”. “Uma nova filosofia educacional” proclamou, “já está em preparação; sua fundação é o operacionalismo científico. Como conseqüência, a dimensão artística do currículo original tornou-se cada vez menos importante, ao passo que o seu conteúdo científico foi aumentado e enfatizou, especialmente com as contribuições do humano e ciências sociais”. (In: Findeli, 2001, p. 7)

Existem desafios, pois estamos numa época da sociedade do espetáculo (Debord, 2003), do efêmero, da fluidez (Bauman, 2001). A realidade é quanto mais consumo melhor. Logo temos que pensar numa saída para subverter o sistema vigente ou incluir o social dentro dos modos de produção sem que este tenha sua teoria inicial modificada. Para que novos caminhos sejam descobertos, voltamos ao que já foi dito aqui, é necessário desenvolver o pensamento crítico dentro das universidades.

A materialidade do espaço como inovação

A arquitetura, tanto do interior como do exterior, sofrem influências que podem ser do urbanismo da cidade, da localização, por motivos econômicos, sociais e técnicos. Do mesmo modo esta própria arquitetura interferirá na forma como as pessoas vão interagir entre si e com qual intensidade. Adrian Forty (In: Moraes, 2006) questiona a dificuldade de se relacionar as formas construídas com os seus agentes, pois é complicado o entendimento de quem influencia quem. David Harvey (2004) em seu livro *Espaços de Esperança* discute a importância dos espaços construídos na formação do agente social que irá interagir nele. Para o autor, vários arquitetos e urbanistas modernos tentaram de maneira utópica refazer cidades, sendo que o resultado foi uma padronização massificante e controladora. Esta visão de vigilância e controle, como algo necessário para a segurança do indivíduo, é vista por Sennet (In: Harvey, 2006) como uma forma de opressão e degradação, pois ela só funciona porque está operando de maneira forjada.

Logo, podemos entender que o espaço arquitetônico do hospital influenciará os seus agentes bem como as atividades destes agentes interferirá no modo como este espaço será ocupado. Entende-se aqui que o agente social de um hospital são todos os personagens que nele estão envolvidos e não somente o paciente. Para situar esta ideia pode-se verificar que estamos no período pós-modernidade ou modernidade tardia como prefere David Harvey. Neste contexto a sociedade possui relações mais efêmeras e voltadas para o hedonismo.

Como exemplo usaremos o espaço do hospital e para tal, abordaremos os hospitais particulares, pois nestes espaços as ideias aqui apresentadas se tornam mais claras. Como não poderia deixar de ser, pois os espaços físicos são o reflexo do tempo e da sociedade, os hospitais nos dias de hoje estão cada vez mais se apropriando da imagem de hotéis, incluindo serviços e aparência destes. Apesar desta tendência de hospital/hotel tentar se mostrar como um serviço voltado para o paciente, ele possui muito de marketing, uma tentativa de vender a imagem de preocupação com o ser humano.

A inovação social e a sustentabilidade ainda são visto como algo novo e que acontece em paralelo na hora da concepção do projeto, porém elas devem desde o início fazer parte do processo de criação. Como visto anteriormente, para obter um resultado final voltado para o ser humano, seja ele produto ou um espaço construído é necessário que o profissional interaja com o usuário e obtenha informações das áreas envolvidas no processo. A interdisciplinaridade neste caso é fundamental para

um bom projeto. No caso do hospital a complexidade projetual é enorme, onde se devem estudar os fluxos e necessidades dos pacientes, seus acompanhantes, dos médicos e toda a equipe que faz o hospital funcionar visando sempre o lado humano. Vale lembrar que a noção de “bem-estar” na contemporaneidade está ligada ao consumo de produtos e serviços, não é sobre isto que estamos falando. O bem-estar almejado é aquele onde o paciente se sinta confortável em seu avental, os parentes tenham conforto na hora de esperar por notícias durante uma operação.

Os espaços sejam eles construídos materialmente ou simbólicos devem ter na sua configuração a possibilidade de interação social. Jaques Rancière elaborou uma estética do desacordo, ele relaciona a concepção do dissenso social e da política através do radicalismo crítico abrindo assim, uma possibilidade de pensar diferente do modernismo e da pós-modernidade. Seu pensamento é voltado para as artes, porém pode ser estendido para o campo do design.

[...] não é em princípio o exercício do poder e a luta pelo poder. É, antes de tudo, a configuração de um espaço específico, a circunscrição de uma esfera particular de experiência, de objetos propostos como comuns e que respondem a uma decisão comum, de sujeitos capazes de designar esses objetos e de argumentar sobre eles. (García Canclini, 2012, p. 134)

Sendo dissenso não só o conflito de interesses e sim uma diferença no sensível, um desacordo sobre os objetos, a situação e os agentes sociais incluídos e como se deu esta inclusão.

Os espaços sofrem influência dos seus agentes sociais após a sua concepção, inclusive com a possibilidade destes agentes reinventarem seu uso. A interação entre espaço e agente é bilateral. A configuração de qualquer espaço é política e ideológica, pois o espaço pode ser concebido para que não haja encontros, logo não exista convivência entre as pessoas, é um tipo de controle. Como exemplo podemos citar praças com caminhos paralelos que não convergem nunca a um local comum, facilitando o desentendimento. No caso dos ambientes hospitalares os locais de convivência seriam espaços para troca de humanidades.

Considerações finais

A sustentabilidade é um conceito a ser perseguido, é sabido que estamos por enquanto apenas tentando alcançá-la. O que é válido, para que se possa um dia chegar a novos paradigmas. Para Victor Margolin apesar do mundo ser dominado pelas corporações nacionais ou internacionais será através da organização da sociedade civil que poderá surgir uma mudança no sistema vigente. Ele introduz o conceito do design cidadão. Conceito editado por Stephen Heller e Veronique Vienne. Margolin, Victor. O designer cidadão. In: *Revista Design em Foco*, v. III n. 2, jul/dez 2006. Salvador. EDUNEB, 2006, p.145-150.

Eu vejo o designer como tendo três possibilidades de introduzir seu próprio talento para a cultura. A primeira é por meio do design, que é fazendo coisas. A

segunda é por meio de uma articulação crítica acerca das condições culturais que elucidam o efeito do design na sociedade. E a terceira possibilidade é por meio da condução de um engajamento político. (Margolin, 2006, p. 150)

Vários termos estão sendo criados, como design social ou design cidadão, porém todos estão unidos pela mesma linha de pensamento. O imprescindível é a revisão dos modos de vida pela sociedade para que ela se encaixe nos conceitos de sustentabilidade. Surgindo então a necessidade de novas ideias, logo a importância de inserir nas faculdades o pensamento crítico nos seus alunos. Utopia ou não, o que se deseja é a reinvenção dos espaços e objetos para que alcancemos o paradigma da sustentabilidade.

Referências

- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Debord, G. (2003). *A Sociedade do Espetáculo*. Disponível em: <http://www.ebooksbarsil.com/eLibris/socespetaculo.html>
- Findeli, A. (2001). Rethinking Design Education for the 21st Century: Theoretical, Methodological and Ethical Discussion, In *Design issues*, volume 17, number 1, winter.
- Buckminster Fuller, R. (2008). *Grunch of Giants, Design Science*.
- García Canclini, N. (2012). *A Sociedade sem Relato: Antropologia e Estética da Iminência*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Harvey, D. (2004). *Espaços de Esperança* (4a. ed.). São Paulo: Edições Loyola.
- Margolin, V. & Margolin, S. (2002). A “Social Model” of Design: Issues of Practice and Research. Copyright 2002 Massachusetts Institute of Technology. *Design Issues*: Volume 18, number 4, autumn.
- Margolin, V. (2006). O designer cidadão. In: *Revista Design em Foco*, v. III n. 2, jul/dez 2006. Salvador: EDUNEB, pp. 145-150.
- Moraes, V. (2006). *O efeito da arquitetura: impactos sociais, econômicos e ambientais de diferentes configurações de quarteirão*. Dez. Disponível em: <http://vitovirus.com.br/revistas/read/arquitextos/07.079/290>. Acesso: 14 ago. 2012.
- Papanek, V. (2011). *Design for the real world - Human Ecology and Social Change*. (2a. ed.). United Kingdom: Thames & Hudson Ltd, p. ix.
- Thackara, J. (2008). *Plano B: o design e as alternativas viáveis em um mundo complexo*. Tradução: Cristina Yamagami. São Paulo: Saraiva: Versar.

Abstract: This article presents a reflection of the importance of the built environment as an object of social innovation, with the backdrop of the post-modern society. Holding the idea of social design will address the teaching of design and which may be revised to achieve new levels of sustainability. To elucidate the interaction between the design of the built environment, its materiality and social agent, the hospital will be used as example. The concept of citizen design will be introduced as the possibility of a path to the future

Keywords: Built space - Social design - Innovation - Sustainability - Teaching.

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão da importância dos espaços construídos como objeto de inovação social, tendo como pano

de fundo a sociedade pós-moderna. Sustentando a ideia de design social será abordado o ensino do design e o que poderá ser revisto para atingir novos patamares da sustentabilidade. Para melhor elucidação da interação entre o design do espaço construído, sua materialidade e o agente social, o ambiente hospitalar será usado como exemplo. O conceito de design cidadão será introduzido como possibilidade de um caminho para o futuro.

Palavras chave: Espaço construído - Design social - Inovação - Sustentabilidade - Ensino.

(* **Claudia Francia do Amaral.** Mestre em Design, PUC- Rio (2013). Pós-graduada em Design de Interiores, PUC - Rio (2009) e pós-graduada em Docência do ensino superior, Faculdade Cândido Mendes, (2003). Graduação em Arquitetura pela Universidade Santa Úrsula (1987). Atualmente docente na Faculdade SENAI - Cetiqt e - SENAC RIO. Experiência em projeto na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Design de Interiores. Leciona as disciplina de cores, materiais e revestimentos, autocad , projeto de interiores , sustentabilidade, projeto de conclusão 1 e desenho técnico de arquitetura e moda.

Aplicação do conceitos do design universal a uma proposta de loft para terceira idade com acessibilidade

Actas de Diseño (2016, Julio),
Vol. 21, pp. 159-164. ISSN 1850-2032
Fecha de recepción: abril 2014
Fecha de aceptación: julio 2014
Versión final: diciembre 2015

Amilton Arruda, Edna Sant'Anna e Rodrigo Balestra

Resumen: Con el crecimiento de la población mayor en Brasil está aumentando la preocupación por que existan lugares adecuados para que las personas de la tercera edad puedan vivir y adaptarse a estos ambientes. Para esta importante tarea del diseño es necesario hacer uso de la información y las herramientas computacionales para el desarrollo de diseños más innovadores. El objeto de este trabajo es presentar un modelo de estudio, donde los ambientes, desde el punto de vista de las dimensiones del espacio físico, el mobiliario y la informatización, se conviertan en hogares confortables, seguros y adecuados para las personas mayores, es necesario poner en práctica una cultura de la Tercera edad, donde estos valores sean verdaderamente coherente.

Palabras clave: Accesibilidad - Arquitectura - Diseño - Tercera edad - Convivencia Gerontológico.

[Resúmenes en inglés y portugués y currículum en p. 164]

Introdução

Este é um projeto de Design & Arquitetura, com estudos ergonômicos adaptado aos idosos, com recursos que possibilitem mais autonomia aos residentes destas moradias especiais, com atenção aos detalhes, uso de materiais específicos que promovam acessibilidade, conforto, automação e a utilização de alguns materiais sustentáveis de suma importância. Para criá-lo, foi fundamental atender as diferentes solicitações proporcionadas pelo design universal e design para acessibilidade.

O principal objetivo deste projeto [utilização dos conceitos de Convivência Gerontológica aplicada a um Loft Sustentável] foi ampliar a acessibilidade dos idosos à estrutura apresentada por este, proporcionando maior integração com o ambiente.

Foi uma iniciativa para adequações de ambientes internos inteligentes e automatizados para os idosos visando uma melhor qualidade de vida a estes usuários.

A pesquisa e análise dos dados serviram para entendermos que um condomínio de pequenos apartamentos pode incluir os idosos, ao mesmo tempo em que agrada pessoas de outras faixas etárias. São detalhes da vida moderna que vão fazer toda a diferença nestas habitações.

Atuamos nas diversas fases, desde a pesquisa, design, conceitos de arquitetura sustentável, uso de materiais e inteligentes ate o projeto final, e inserção de soluções técnicas no uso de tecnologias atuais e inovadoras.

A proposta do Projeto serve para estimular junto ao setor imobiliário e também da construção civil, o conceito de criação e execução deste tipo de construção, para que as pessoas idosas convivam bem com a longevidade; elas estarão aproveitando e usufruindo de todos os recursos apresentados e que fazem parte deste um projeto inovador. A longevidade é uma das grandes conquistas do século XX - XXI que, juntamente com a queda na taxa de natalidade, vem ocasionando o envelhecimento da população mundial. A expectativa de vida média do brasileiro, de acordo com o IBGE, é de 75 anos, chegando aos 81 anos ou mais, nas regiões mais desenvolvidas, o que vem a confirmar que o Brasil também presencia um momento de envelhecimento populacional.

A perspectiva é de que em 2025 o Brasil seja a sexta maior população de idosos no mundo, com aproximadamente 32 milhões de pessoas neste grupo, chegando a 52,2 milhões até 2040. As principais causas da longevidade estão relacionadas às grandes inovações científicas e